

Retrospectiva e perspectiva do negócio da soja para o produtor matogrossense

João Carlos Vianna de Oliveira

Engenheiro Agrônomo, Mestre e Doutor em Economia Aplicada pela ESALQ
Presidente do Instituto de Desenvolvimento da Gestão Empresarial no Agronegócio/IGEAgró
Coordenador do Projeto Bentevi/IGEAgró/ESALQ

Gabriel Adrián Sarriés

Veterinário, Mestre e Doutor em Estatística e Gestão
Professor do Departamento de Ciências Exatas/ESALQ
Responsável Científico pelo Projeto Bentevi/IGEAgró/ESALQ

Nos últimos três anos, o Centro-Oeste brasileiro tem sido considerado como o futuro celeiro do mundo. Uma região de potencial agrícola extraordinário, que definitivamente passaria a ocupar o lugar que realmente merece.

De uma hora para outra, do ponto de vista da sociedade urbana, surge uma crise pouco entendida por aqueles que não estão diretamente envolvidos. As pessoas se perguntam – “E o celeiro do mundo?” – “Os produtores não estavam sendo altamente competitivos?” – entre outros múltiplos questionamentos.

Sendo assim, faremos um retrospecto, análise do presente e projeção do futuro, de forma a contribuímos para a elucidação dos fatos e visualização das reais possibilidades do agronegócio do Mato Grosso.

O FATO HISTÓRICO

A partir do ano de 2002, uma série de fatos contribuiu para a formação da consciência progressista no setor rural. Finalmente, o Brasil consolidaria a sua posição como potência mundial agrícola.

Podemos destacar alguns desses fatos:

- Novo governo federal, com proposta de apoiar intensamente o agronegócio;
- Novo governo estadual, ligado ao setor produtivo rural;
- Mercado internacional cada vez mais aquecido e comprador;
- Grande estímulo às atividades de exportação;
- Taxa de câmbio acima de R\$ 3,00, estimulando a renda dos exportadores.

A REAÇÃO EMPREENDEDORA

Dentre os vários perfis empreendedores do Brasil, sabe-se que o produtor rural é um dos mais arrojados, pois é aquele que realmente acredita na máxima: “Nesta terra, em se plantando, tudo dá!”. Além de arrojo, observa-se também uma grande disposição em correr

risco, muitas vezes superior ao que a grande maioria dos empreendedores está disposta em assumir.

Diante de tão interessantes sinais externos, os produtores rurais, que nunca precisaram de tanto, responderam com uma tremenda ação empreendedora, podendo-se destacar:

- Aumento da área plantada no Mato Grosso em cerca de 2,2 milhões de hectares (+58%) entre as safras de 01/02 (3,9 milhões ha) e 04/05 (6,1 milhões ha).
- Aumento do investimento na propriedade rural em infraestrutura e máquinas. Os produtores tomaram em empréstimos do BNDES, valor igual a R\$ 3,3 bi entre os anos de 2001 e 2005. (Figura 1)

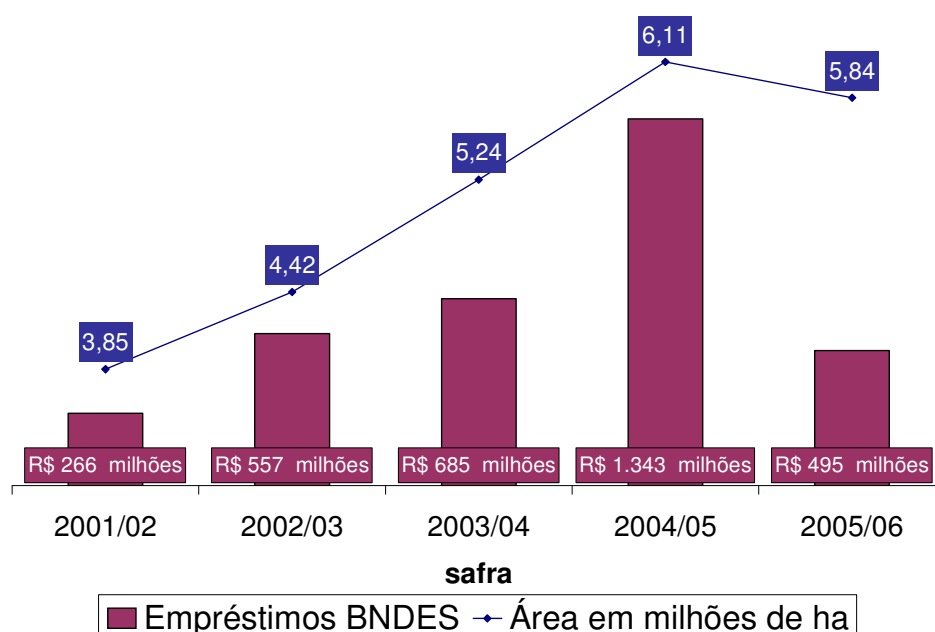


Figura 1. Evolução da captação de empréstimos agrícolas junto ao BNDES e da área plantada.

Efetivamente, os produtores alavancaram o negócio reinvestindo os resultados em abertura de novas áreas, ampliação da infraestrutura das propriedades e novas máquinas.

Neste momento, a sociedade em geral aplaudiu a iniciativa e agradeceu as novas oportunidades que foram geradas, dentre elas podendo-se destacar: ampliação das vagas de trabalho, melhoria da renda, aquecimento do comércio regional, garantia de superávit na balança comercial e alimentos mais baratos.

Os produtores rurais acreditaram no potencial do país, e efetivamente assumiram individualmente os riscos inerentes de tão acentuada ampliação da capacidade produtiva.

OS FATORES EXTERNOS LIMITANTES

Como característica de qualquer processo produtivo, o empreendedor (nosso produtor rural) depende de outros fatores para que sua iniciativa se consolide e seja sustentável.

Normalmente, por ironia do destino, a influência individual sobre esses fatores é muito pequena, mas as conseqüências deles sobre o individual são muito grandes.

Podemos enumerar os fatores que acabaram se tornando limitantes ao sucesso dos investimentos realizados da porteira para dentro:

- Surgimento da ferrugem asiática a partir de 2001, o que resultou na duplicação do custo com combate a doenças na soja e uma grande incerteza na obtenção da produtividade necessária. A produtividade média do Mato Grosso, que atingiu sua máxima em 2001 com 51 sc/ha, passou a cair, chegando neste ano próxima de 47 sc/ha.
- Variações climáticas, que sempre foram um desafio para a agricultura, tornaram-se mais freqüentes e quando associadas à ferrugem, ocasionaram perdas significativas na produtividade de talhões dentro da propriedade.
- A ampliação da área de produção gerou maior demanda de insumos, ocasionando aumento significativo de preços. Segundo dados do IGEAgro e da Conab, as despesas por hectare, apenas com insumos, aumentaram 85%, quando comparadas as safras 01/02 e 04/05.
- O óleo diesel sofreu aumento de 120% entre 2001 e 2006, passando de R\$ 0,92/litro para R\$ 2,01/litro. Atualmente, a despesa com diesel, considerando apenas o consumido na propriedade, corresponde a 9% do custo total de produção, sendo que a aquisição desse insumo ocorre à vista, dificultando a gestão do fluxo de caixa do produtor rural. Além do efeito direto sobre o custo de produção, deve-se destacar o efeito indireto advindo da elevação dos preços de insumos e transporte. (Figura 2)

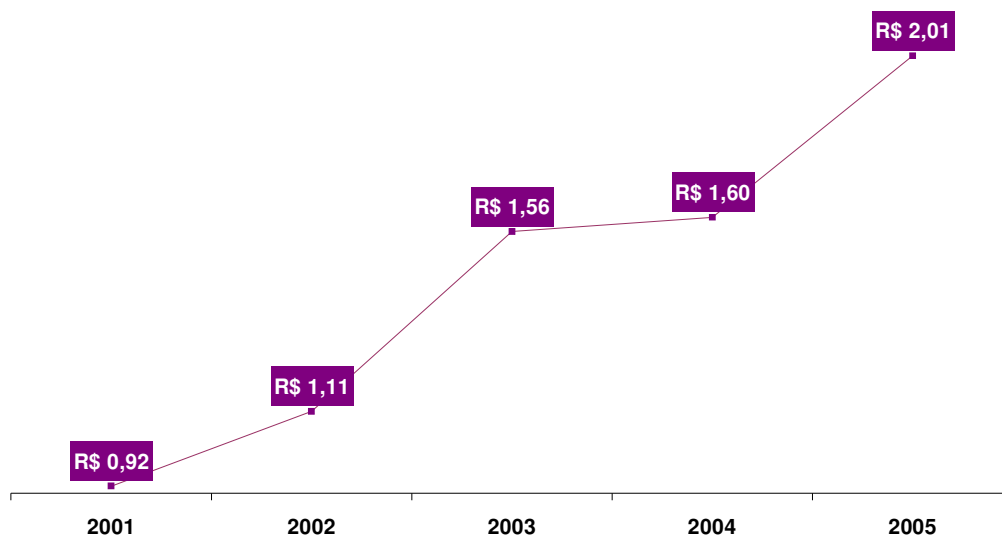


Figura 2. Evolução do preço do diesel ao consumidor no Mato Grosso. (Fonte: ANP)

- A logística de abastecimento da produção e escoamento da safra, problema crítico e recorrente há mais de 15 anos no Mato Grosso, passou a dilapidar o preço recebido pelo produtor em mais de 30%. Acompanhando a elevação do diesel e a

precariedade das vias de transporte, o frete elevou-se 140% em média, no período 2001 a 2006, comprometendo a competitividade de muitas regiões (especialmente do Médio Norte).

- A taxa de juros praticada nos financiamentos privados, que correspondem a 84% do capital total utilizado no financiamento da produção no Mato Grosso é 3 vezes maior que a dos 8,75% dos limitados recursos públicos de custeio.
- Os mecanismos de gerenciamento de risco da produção agrícola não evoluíram, acentuando a exposição do produtor aos impactos de situações inesperadas.
- Finalmente, o fator mais significativo para os setores que exportam, a taxa de câmbio foi o limitante final. Se compararmos a taxa de câmbio real média, após a mudança do sistema flutuante, para o período de janeiro de 1999 a abril de 2003, com a taxa de câmbio atual, seria necessária uma desvalorização de 39% para se retomar a competitividade do país. Por outro lado, o desajuste significa 30% a menos de receita. (Figura 3)

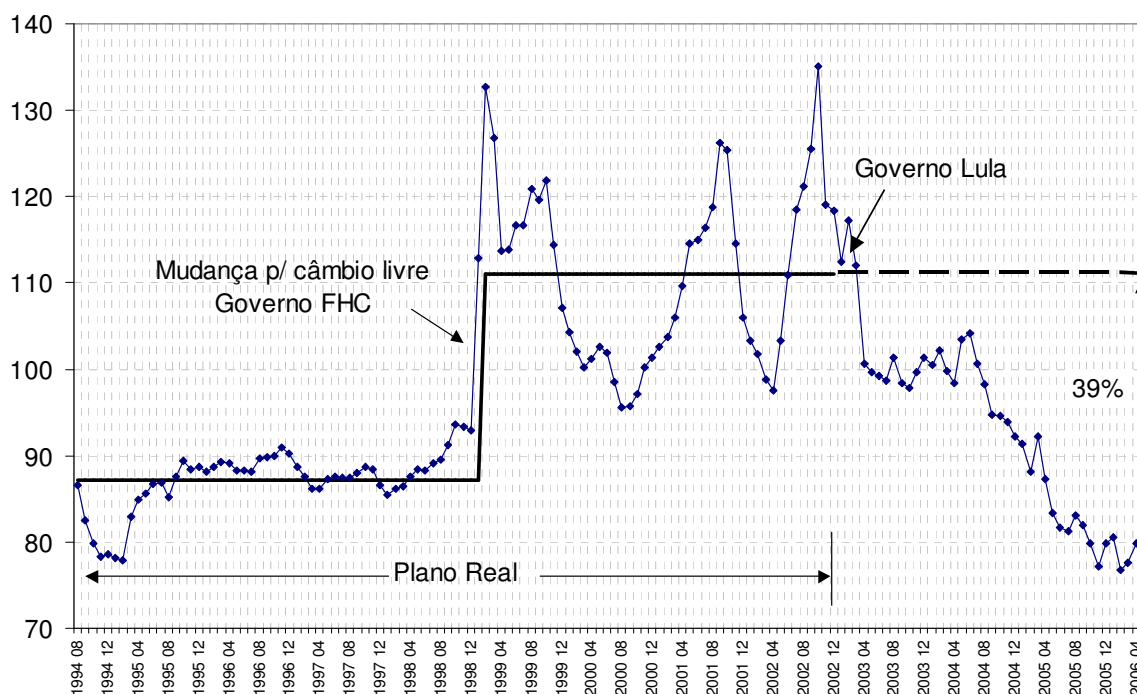


Figura 3. Comportamento da taxa de câmbio efetiva real IPA-OG, aquela que reflete a competitividade das exportações do país, e o ajuste necessário para se retornar à média obtida no período jan/1999 a abr/2003. (Elaboração IGEAgr; Fonte: IPEA)

O Efeito conjunto dos fatores externos limitantes, que resultaram em elevação dos custos e redução da receita, podem ser visualizados na Tabela 1.

Tabela 1. Comparativo do resultado econômico médio da soja no Mato Grosso.

Itens	Safrá					
	01/02	02/03	03/04	04/05	05/06	06/07*
	R\$/ha					
Custo com Insumos (A)	R\$ 704,23	R\$ 835,43	R\$ 998,61	R\$ 1.273,99	R\$ 920,92	R\$ 923,86
Adubo	R\$ 281,23	R\$ 419,15	R\$ 467,10	R\$ 631,89	R\$ 381,02	R\$ 381,02
Defensivos	R\$ 71,61	R\$ 71,61	R\$ 85,62	R\$ 124,53	R\$ 155,66	R\$ 163,45
Combustível	R\$ 291,68	R\$ 283,94	R\$ 364,16	R\$ 434,38	R\$ 312,65	R\$ 310,99
Sementes	R\$ 59,71	R\$ 60,73	R\$ 81,74	R\$ 83,19	R\$ 71,58	R\$ 68,40
Custo operacional (B)	R\$ 326,59	R\$ 353,98	R\$ 423,94	R\$ 483,01	R\$ 442,68	R\$ 459,34
Juros e impostos	R\$ 106,81	R\$ 122,96	R\$ 154,40	R\$ 185,69	R\$ 128,93	R\$ 124,17
Mão-de-obra e máquinas	R\$ 190,78	R\$ 198,19	R\$ 228,51	R\$ 251,44	R\$ 266,25	R\$ 284,77
Movimentação até armazém	R\$ 29,00	R\$ 32,83	R\$ 41,02	R\$ 45,89	R\$ 47,50	R\$ 50,40
Custo Total (C = A + B)	R\$ 1.030,82	R\$ 1.189,41	R\$ 1.422,55	R\$ 1.757,00	R\$ 1.363,60	R\$ 1.383,19
Receita Total (D)	R\$ 1.341,59	R\$ 1.369,64	R\$ 1.666,93	R\$ 1.340,98	R\$ 1.017,04	R\$ 1.076,54
Margem (D – C)	R\$ 310,77	R\$ 180,23	R\$ 244,38	-R\$ 416,02	-R\$ 346,56	-R\$ 306,65

Fonte: Bentevi/IGEAgró/ESALQ

* estimativa preliminar

A CRISE

Considerando os aspectos anteriormente analisados, na safra de 05/06 o custo em ascensão e a receita em declínio resultaram novamente em margens negativas por hectare, mesmo para produtividades médias ou acima. Segundo nossas estimativas, a margem por hectare média foi aproximadamente R\$ -350,00, quando se consideram os custos com insumos, máquinas, mão-de-obra, transporte, financeiro e impostos (Tabela 1). A negociação com o governo federal ainda é considerada limitada, pois atinge apenas os financiamentos de custeio, um montante aproximado de 16% do custo total foi renegociado; o restante corresponde a dívidas com o setor privado.

AS PERSPECTIVAS FUTURAS

O espírito empreendedor do produtor rural matogrossense ficou condicionado a uma série de fatores limitantes que precisam ser vencidos, caso contrário a tão sonhada posição de potência mundial agrícola ficará cada vez mais distante.

Os fatos recentes evidenciaram a fragilidade da produção agrícola, que está totalmente desprovida de uma visão estratégica. Dentre os fatores limitantes observados, considera-se que nenhum deles é de fácil resolução, no entanto, se não forem concretamente trabalhados tornarão inviável a produção de soja em várias regiões do Estado de Mato Grosso.

A partir de simulações de viabilidade econômica da produção, tendo como base dados fidedignos da realidade de centenas de produtores, podemos indicar alguns pontos de ação, divididos em:

Ações que dependem do produtor individualmente:

- O produtor rural deverá ser cada vez mais analítico, procurando julgar a viabilidade econômica da safra 06/07, tendo como base a sua realidade de custo e receita comparada com a de outros produtores.
- Tendo em mente o resultado que se deseja obter com a futura safra, deve-se empreender negociação com os fornecedores, tendo objetivos máximos para cada conta de despesa.
- Reavaliação de todas as despesas, buscando fechar todas as torneiras, por menores que elas sejam.
- Cuidado com a adoção de redução de despesas em itens essenciais para a produtividade, pois quebras na produtividade por modificações impensadas no padrão tecnológico podem aumentar ainda mais o risco.

Ações que dependem da iniciativa coletiva dos produtores:

- É necessário o fortalecimento do associativismo, principalmente para ampliação do poder de negociação em todas as instâncias.
- Redução do custo logístico, através da integração dos agentes da cadeia produtiva. Todos serão beneficiados, fornecedores, transportadores, produtores e consumidores, se exercerem pressão adequada para a melhoria nas condições das vias de transporte.

- Redução do custo do combustível (diesel), utilizado diretamente na produção e indiretamente em toda a logística de transporte. Estudos podem mostrar o efeito multiplicativo, que poderia ser obtido se o governo promovesse redução do preço do óleo diesel, mesmo que temporariamente para o momento de crise.
- Planejamento unificado da incorporação do biodiesel na agricultura: de nada adiantarão iniciativas isoladas de uso do biodiesel em cada propriedade; é necessária, a unificação das ações para a viabilização econômica da produção desse combustível alternativo.
- Criação de mecanismos de seguro rural mais efetivos, incluindo neste ponto a questão da ferrugem asiática.
- Ajuste da taxa de câmbio para patamares aceitáveis. Segundo os nossos cálculos, a taxa de câmbio inferior a R\$ 2,50, torna a produção no Mato Grosso pouco competitiva, inviável em muitas regiões. Idealmente, considera-se que a taxa de câmbio deveria estar próxima de R\$ 2,90, considerando a compatibilidade entre a elevação ocorrida nos custos de produção e a necessária elevação proporcional da renda.

Conforme informações obtidas pela nossa equipe, o Banco do Brasil já sinalizou pouca disposição em aprovar financiamentos de custeio, da safra 06/07, para a região Médio Norte do Mato Grosso, em função da inviabilidade econômica dos projetos apresentados. Este fato é uma evidência dos aspectos discutidos neste artigo.

Podemos concluir que a capacidade de realização do empresário rural matogrossense foi reiteradamente demonstrada, da viabilização da produção em terras do cerrado à ampliação da área de produção. No entanto, as dificuldades atualmente enfrentadas decorrem da precária contrapartida do investimento público e das políticas públicas. É chegado o momento da definitiva sintonia entre governo e empresários, de forma a se definir perspectivas sustentáveis, garantindo o retorno do investimento privado e do investimento público, com minimização de riscos.